

EDITORIAL

Epistemologias: transversalidades nas artes da cena

Elisa Belém¹

Mariana Baruco M. Andraus²

O dossiê **Epistemologias: transversalidades nas artes da cena** visa abordar a discussão epistemológica que perpassa a pesquisa em artes.

O número é uma colaboração entre a *Conceição/Conception*, revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e o Laboratório de Pesquisa Artes e Transdisciplinaridade (CRIA), sediado na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Apresentam-se artigos selecionados, mediante chamada pública, a partir da investigação de pesquisadores sobre a temática ou que correspondem a desdobramentos das reflexões do *Seminário: Epistemologias Transversalidades nas Artes da Cena*, realizado pelo CRIA, entre os dias 03 e 05 de outubro de 2016, na Escola de Belas Artes da UFMG.

Pretendeu-se reunir reflexões a respeito do conhecimento construído nas artes da cena, mediado pela mobilidade de saberes outros. Em torno do pensamento epistemológico nas artes e humanidades, de teorias das artes da cena e metodologias de pesquisa em/sobre e para as artes da cena, dialogam-se com as filosofias, os saberes da floresta, as ciências cognitivas, a antropologia e a psicanálise. Visou-se problematizar as epistemologias das artes e seus desdobramentos teóricos e metodológicos, assim como as relações entre pesquisador e objeto de pesquisa, além do exercício artístico como prática de pesquisa acadêmica.

O texto *Epistemologias: transversalidades nas artes da cena*, de **Fernando Mencarelli**, abre a seção de Artigos Temáticos, composta de sete textos. O pesquisador apresenta abordagens atualizadas sobre o tema que intitula o artigo e em torno das quais o grupo CRIA vem tecendo investigações.

O ensaio da pesquisadora **Christine Greiner**, *Em busca de uma metodologia para analisar a alteridade na arte*, visa à “[...] cons-

1.

Atriz e pesquisadora de teatro. Pós-Doutorado em Artes da Cena pelo Instituto de Artes da UNICAMP, com o suporte da bolsa PNP/DACTA/CAPES (2015-16). Pós-Doutorado em Artes pela Escola de Belas Artes da UFMG, com o suporte da bolsa FAPEMIG/CAPES (2014-15). Doutora em Artes da Cena pelo Instituto de Artes da UNICAMP com o suporte da bolsa regular e bolsa de estágio de pesquisa no exterior da FAPESP (2010-2014). Mestre em Teatro (Estudos da Performance) pela Royal Holloway, University of London (2004/2005), título reconhecido e validado no Brasil, pela ECA/USP. Contato: belemelisa@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7167-3796>

2.

Docente do Departamento de Artes Corporais do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Coordenadora Geral de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Contato: m_andraus@iar.unicamp.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4460-8555>

trução de uma epistemologia que parte de narrativas nem sempre explícitas do corpo em suas relações com o ambiente”. Para isso, Greiner toma de Damásio a noção de *marcador somático*, a fim de discutir uma “dimensão estética da vida” e, principalmente, como a criação artística discute a ideia de alteridade a partir do movimento, dando visibilidade aos estados de crise que trazem à tona questões por vezes veladas.

O artigo de **Andrea Bentes Flores**, *Movimentos de uma performer-pesquisadora amazônida entre risos ameríndios*, propõe uma escrita performativa a partir da investigação sobre possíveis “epistemologias do riso ameríndio na Amazônia de floresta profunda”. Contrapõe sua vivência urbana a um primeiro olhar como pesquisadora para dentro do território do Estado do Pará. Investiga a comicità e o que seriam os “risos da floresta”, fazendo referências a diversos povos como *Parakanã*, *Pemon*, *Kaxinawa*, dentre outros, além da figura mítica de *Makunaima*.

Daniel Reis Plá, no artigo *Práticas contemplativas e ensino de teatro na universidade*, discorre sobre os “processos artístico-pedagógicos realizados na universidade” a partir da noção de “abordagem contemplativa”. Parte, assim, das definições de *Mindfulness* e Práticas Contemplativas, bem como de seu estágio de pesquisa de Pós-Doutorado em Huddersfield (UK). Impulsionado por uma pergunta sobre o que diferenciam as práticas contemplativas de outras ações que trabalham com a atenção, problematiza o exercício teatral. Debate sobre uma possível proposta epistemológica dada pelo termo “artes contemplativas”.

Bya Braga e Patrícia Pinheiro, em *Atos poéticos performativos no chão de Tupinambá*, apresentam as bases de sua pesquisa a partir de “práticas que se relacionam à cosmovisão dos índios Tupinambá, em uma experiência específica performativa e ritualística contemporânea”. Entrelaçando memória e subjetividade, abordam-se práticas xamânicas conduzidas por Tereza de Colares, como o rito do “Chá Sagrado no Chão de Tupinambá”, por meio da ingestão do chá da Ayahuasca. Tais práticas são realizadas num sítio em Colares, no litoral da Baía do Marajó, próximo a Belém do Pará.

O artigo *A Diferença, qual diferença? O Mesmo e o Outro à luz das artes cênicas na África*, de **Christine Douxami**, traz um olhar diaspórico no âmbito das artes cênicas, considerando os diferentes paradigmas decorrentes do pan-africanismo e do movimento da negritude. O pressuposto da pesquisa da autora é de que somos todos Diferentes, e que o que varia é o referencial determinante da Diferença, para chegar à questão do empenho do artista-pesquisador no contexto do estudo do Outro.

Mônica Medeiros Ribeiro e Cássio Eduardo Viana Hissa, no

artigo *Saber sentido*, debatem questões sobre a validação das mais diversas formas de conhecimentos, saberes e práticas a partir do paradigma da ciência e a consequente desqualificação quando considerados não científicos. Perguntam: “Por quais motivos alguns saberes procuram a sua própria validação através de aproximação com práticas científicas, incluindo as metodologias científicas?”, e defendem que “*Todo saber é saber sentido*, na medida em que se sente-pensa para se fazer”. A intenção é, portanto, refletir sobre a natureza do que se denominou como *saber sentido*.

Carla Andrea Lima, em *Um corpo em Litura*, propõe um diálogo entre arte e psicanálise, apresentando a pergunta: “Como lidar com o fato de que a constituição de si mesmo como corpo só se dá sob a condição de uma perda?”. No decorrer da escrita, indica o “estabelecimento de um litoral entre esses dois campos”, tomando como referência a obra de Lacan. Discorre, assim, sobre inscrições no corpo e no campo discursivo a partir de experiências no âmbito do Laboratório de Práticas e Poéticas Corporais na UFMG, hoje denominado Litura Coletivo de Criação e Pesquisa em Dança e Teatro.

Iniciamos a seção Temas Livres com o artigo de **Viviane Rosa Juguero**, que apresenta o processo de criação cênica do espetáculo *Ecos de Cor e Cór*, protagonizado por professores de escolas públicas e desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, utilizando-se de diferentes recursos para compor uma dramaturgia inspirada na Biologia do Amor, trabalhando de forma transversal na associação entre arte e educação ambiental.

Luciane Silva e **Inaicyra Falcão dos Santos** contribuem com o artigo *Colonialidade na dança e as formas africanizadas de escrita de si: perspectivas sul-sul através da técnica Germaine Acogny*, derivado de pesquisa transversal entre educação, dança e antropologia com o intuito de refletir sobre corpo e cultura a partir da noção de colonialidade. Apresenta a técnica Acogny como epistemologia do sul, tendo como horizonte para o trabalho a proposta de reinventar dos modelos que historicamente educaram nossos corpos.

O artigo *Para fundir arte e vida, o teatro de rua contemporâneo*, de **Altemar Gomes Monteiro**, reflete sobre a noção de Teatro de Rua Contemporâneo a partir da experiência do grupo Nós de Teatro, de Fortaleza-CE. O trabalho pretende expandir o campo de ação das artes cênicas, colocando-as em diálogo com urbanismo ao olhar para os processos de montagem e para a lógica de encenação e dramaturgia buscando ressignificar, junto ao espectador, a própria experiência de cidade.

Carlos Eduardo da Silva, no artigo *Ói Nós e Companhia do Latão: a coragem de morar com a sogra ou memória, convívio e resistência na experiência de grupos de teatro brasileiro*, por sua vez, por meio da análise das trajetórias de dois grupos, Ói Nós Aqui Traveiz e Companhia do Latão, trabalha com o conceito de memória, não apenas como trajetória artística de coletivos, mas como “um saber adquirido que conserva as diversas experiências vivenciadas pelos membros de um grupo”, refletindo sobre transformação do teatro brasileiro, especialmente nos últimos quarenta anos.

Finalmente, o artigo *Repensar-se, reescrever-se: das possibilidades de escritura da pesquisa em artes da cena na academia*, de **Luciane de Campos Olendzki**, reflete sobre formas de escrita acadêmica, particularmente o formato das teses e dissertações, de modo que possam ter maior correspondência com os conteúdos, materialidades e modos de expressão da área de artes, incluindo o jogo, a fabulação e a performatividade.

Boa leitura!